

## **Escrita de si a partir da Memória e do Testemunho no Narrativa Memórias de um Sobrevivente de Luiz Alberto Mendes**

Abdias Correia de Cantalice Neto Mestrando (UEPB)<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho busca discutir, a partir da obra *Memórias de um sobrevivente* do escritor Luiz Alberto Mendes, a construção da identidade do “Eu” na relação entre memória e testemunho, mostrando que a partir da memória individual e coletiva, além do testemunho vivenciado por ele nos centros reformatórios e casas de detenção o autor criou um sujeito característico ao contexto vivenciado. Discutiremos a relação entre este autor e o sujeito criado nestas memórias de Mendes.

**Palavras- Chaves:** Eu, memória, testemunho, Luiz Alberto Mendes

### **1. Introdução**

A literatura sempre serviu como mecanismo de representação de costumes da sociedade. A narrativa, criada inicialmente como entretenimento, passou a ser, desde muito tempo, mecanismo utilizado pelos escritores com a finalidade de mostrar a vida de um povo em determinada época. Seja na ficção, seja nos textos chamados de testemunhos, seja na autobiografia, e assim, nas memórias, a literatura sempre contribuiu para uma construção de identidades, individual ou coletiva. Em se tratando de memória, campo do presente trabalho, a inter-relação entre indivíduos contribui para a construção de quadros sociais que compõem a memória. Esta memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos, ou seja, construção de uma memória coletiva. (HALBWACHS, 2006).

No Brasil, as narrativas ficcionais remontam ao estilo romântico, principalmente nas narrativas de costumes cariocas. A narrativa realista, por sua vez, não só fotografou o meio social, como serviu de denúncia das misérias vivenciadas pela sociedade. Mas foi no Modernismo brasileiro que a literatura se destacou na apresentação de formas e recursos que representassem melhor as experiências sociais de um Brasil, principalmente as vivenciadas e demonstradas nos textos da década de trinta. A narrativa regionalista do início do século XX denunciou a vida de escassez do Sertanejo. Exemplos como as obras de Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Guimarães Rosa, serviram de instrumentos para análise histórica, política e sociológica, etc. na Literatura. Tais autores expressavam em suas obras a fragmentação dos sujeitos ali representados.

A literatura, tida como marginal, dos anos 70, considerados anos de chumbo no Brasil, trouxe aos nossos olhos a fragmentação do “eu”. Nos anos 80 o Livro “Memórias de um Sobrevivente”, de Luiz Alberto Mendes, objeto de nossa análise, começou a ser escrito, criando nova perspectiva da identidade deste sujeito, que enclausurado transformou suas memórias em elementos para a construção de uma identidade, trouxe também

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e interculturalidade da Universidade Estadual de Paraíba – UEPB.

mecanismos de representação da tragédia vivenciada pelo autor em determinada época, no caso, o período em que o autor esteve nos reformatórios ou mesmo na prisão, retomando, através das memórias, o sofrimento vivido. Os elementos apresentados em “Memórias de um Sobrevivente” estão relacionados com a temática do *testemunho na literatura e a construção da identidade*. É através da memória que autores remontam fatos críticos, vivenciado em determinada cena ou contexto em que estavam inseridos, no caso de Mendes, sua trajetória desde a infância até os anos 80 quando estava preso, cumprindo pena de 30 anos por homicídio. Esta relação entre autor e sua paratopia<sup>2</sup>, seu espaço construído, sua relação com a sociedade do qual faz parte o transforma em construtor de um novo “Eu”. Mostrando que “a relação entre presente e passado também é profundamente histórica. Pode se escrever uma história da relação do presente com a memória e o passado, uma história da história” (GAGNEBIN, 2009).

A literatura de testemunho permite que alguns teóricos repensem a condição da literatura enquanto representação de costumes, e apresente numa relação intrínseca com a própria realidade vivida. Na narrativa “Memórias de um Sobrevivente”, os recursos da memória estão explícitos no discurso do narrador que ao vivenciar os conflitos na infância e os momentos críticos na prisão, rememora e representa a catástrofe da qual ele é testemunha: torturas, prisões, maus tratos, lesões, etc. denuncia o passado traumático em que viveu e, conseqüentemente, sobreviveu. Resta, portanto, perceber que é através da memória que autores remontam o passado e apresentam para nós leitores o conflito vivido. Sua relação com a literatura e o testemunho é a representação do sofrimento vivenciado pelo autor através das torturas sofridas no interior dos centros de correções e nas prisões.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tenta problematizar a relação entre História e Literatura numa demonstração em que a literatura serve como mecanismo de testemunho da realidade e construção de identidade. O sofrimento é representado através de recursos da memória, seja memória individual, seja coletiva, a apreensão da realidade se dá na construção de identidades e que a literatura contribui para a elaboração de uma identidade fundamentada na literatura de testemunho. A obra “Memórias de um Sobrevivente” de Luiz Alberto Mendes, apresenta os conflitos e a tragédia vividos pelo autor nas ruas, nos reformatórios e nas prisões brasileiras, tem elementos de representação da realidade como manifestação da memória individual e coletiva na literatura/testemunho.

Isso nos inquietou sobre a representatividade da catástrofe e nos levou a formular algumas questões: A literatura de testemunho poderá servir como mecanismo de análise sociológica ou mesmo histórica de uma realidade vivida? O conceito de testemunho poderá está presente na literatura produzida dentro dos presídios brasileiros nos anos 80 e 90? A narrativa “Memórias de um Sobrevivente” de Mendes pode ser considerado literatura de testemunho? A representação da memória, na obra analisada, serve como leitura e expressão da realidade apreendida pelo autor e pode instrumentalizar-nos na leitura dos textos de testemunho? A construção do sujeito se dar a partir dos elementos memorialísticos presentes na obra?

## **2. Literatura autobiográfica: História de vida, escrita de si.**

A literatura sempre foi classificada como representação do real, mas só na modernidade passou-se a discutir esta relação entre Literatura e Realidade. Quem escreve, escreve sobre si. Esta foi uma das diversas teses abolida e dissipada do campo da teoria

---

<sup>2</sup> MAINGUENEAU, Dominique. Discurso Literário. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2012.

literária. Nem sempre, ou nunca se constrói o texto literário como algo referencialmente ligado à história de vida, mesmo nas autobiografias. A instituição e o conflito atrelado à criação do autor põe por terra a tradição de quem escreve, ou narra tenha autoridade sobre o fato narrado. Quem é o autor então? O autor seria este desdobramento da própria escrita, fundada num princípio ético em que “ela se basta para si mesma”<sup>3</sup> e “não está obrigada à forma da interioridade: ela se identifica com sua própria exterioridade”<sup>4</sup>, ou seja, ela independe da personalidade do autor, narrador ou mesmo personagem.

Quando falamos em autobiografia estamos trilhando por caminhos, nem sempre, tangíveis, pois a voz presente na escrita da própria personalidade do criador, não representa necessariamente a voz da realidade vivida. Como bem cita (BAKHTIN, 2003 p. 138) “Nem na biografia, nem na autobiografia o *eu-para-si* (a relação consigo mesmo) é elemento organizador constitutivo da forma”. (Grifo do autor) Assim ao se questionar a validade narrada do autor-narrador-personagem se aproxima da ficcionalidade. Adotando o Pacto autobiográfico proposto por Lejeune (2008), um dos mais importantes estudiosos da autobiografia, A coincidência do nome do autor-narrador-personagem valida o posicionamento do leitor ao se deparar com uma possível verdade narrada, pois como bem define o autor a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Mas isso não é o suficiente para afirmar a autobiografia como verdade dos fatos narrados, pois o posicionamento do leitor através do pacto só vai se confirmar com a aceção do próprio pacto. Leitor e autor se confrontam no sentido de validação. Pessoa real, que assina o livro coincidindo com o narrador-personagem. Ao entender o autor como detentor da verdade, passa-se a estender o caráter autobiográfico como uma história de vida.

O próprio Lejeune (2008) traz em seu texto a não obrigatoriedade de se impor a verdade, pois ao se tratar de um pacto, a leitura e a construção de verdades se dão de forma intrínseca e que num texto autobiográfico poderia haver uma tentativa de restringir:

Restringir a verdade ao possível (a verdade tal qual me parece, levando-se em conta os inevitáveis esquecimentos, erros, deformações involuntárias etc.) e em demarcar explicitamente o campo ao qual o juramento se aplica (a verdade sobre tal aspecto de minha vida, sem me comprometer sobre tal outro aspecto) (LEJEUNE, 2008, p.37).

Esta verdade temporária representa uma das receptividades do leitor ao adotar a autobiografia como verdade incondicionada, mas note que possíveis esquecimentos, ou mesmo erros, constrói a possibilidade de não se afirmar como verdade. A possibilidade de construir uma verdade pactuada deixa claro que não se trata de uma abordagem válida, mas sim provisória, pois autobiografia, ou mesmo biografia estaria inserida no campo da literatura e conseqüentemente no campo da ficcionalidade.

O próprio Bakhtin (2003) faz uma distinção entre autor-pessoa e autor criador, podendo o autor criador construir o herói eivado de vícios ou mesmo de virtudes, pois o “autor deve estar situado na fronteira do mundo que ele cria como seu criador ativo, pois se invadir esse mundo ele lhe destrói a estabilidade estética”, (BAKHTIN, 2003, p.177). Essa construção do *eu*, a partir da identidade criada, nasce de uma concepção em que o autor cria de si mesmo, ou mesmo o que o outro cria do autor, sendo que, como afirma Bakhtin

<sup>3</sup> FOULCAULT, Michel. Estética: Literatura e pintura, Música e Cinema. 2. Ed. Rio de Janeiro; Forense Universitária. 2009. p. 322

<sup>4</sup> Idem, ibdem.

(2003)

Minha imagem de mim mesmo. Qual é a índole da concepção de mim mesmo, do meu eu em seu todo? Em que ele se distingue essencialmente da minha concepção do outro? a imagem do eu ou o conceito, ou o vivenciamento, a sensação, etc. a espécie de ser dessa imagem [...]. o que eu compreendo por eu quando falo e vivencio: [...] Eu-para-mim e eu-para-o-outro, o outro-para-mim. o que em mim é dado imediatamente e o que é dado apenas através do outro. (Bakhtin, 2003, p. 382, grifos do autor).

Entretanto, falar de si associado à história de vida a partir da *escrita de si* representa uma vertente autobiográfica, seguindo a proposta de Lejeune (2008) de pacto a ficcionalidade traz como traço marcante elementos do real, no caso da escrita de si, na autobiografia. Ítalo Moriconi (2005), citado por Klinger (2007) observa que “o traço marcante na ficção mais recente é a presença autobiográfica real do autor empírico em textos que por outro lado são ficcionais”. Escrita de si e historia real andam lado a lado, como experiência com a arte de criar imagens de si.

Notadamente, esta experiência com o fato narrado, ficcional ou não ficcional, aparece no espaço autobiográfico em que o leitor é convidado perceber um texto narrado, não como uma ficção, mas como uma construção de verdade da própria natureza humana, também chamada de pactos indiretos (LEJEUNE, 2008. P 40). Portanto, este afirmar-se sobre si mesmo, constrói uma estética da autobiografia, validando sua verdade em relação às narrativas ficcionais, que por sua vez, são conjecturas da própria insuficiência de textos autobiográficos.

Sobre a relação entre textos ficcionais, o narrativa, e as autobiografias quais seriam mais verdadeiro Lejeune (2008) aponta que:

Nenhum nem outro: a autobiografia faltariam a complexidade, a ambiguidade, etc.; ao narrativa, a exatidão. Seria então, um e outro? Melhor: um em relação ao outro. O que é revelador é o espaço no qual se inscrevem as duas categorias de textos, que não pode ser reduzido a nenhuma delas. Esse efeito de relevo obtido por esse processo é a criação para um leitor de “um espaço autobiográfico”. (LEJEUNE, 2008, p.43, grifo do autor)

Seria neste caso o surgimento do narrador como produtor proposto por Benjamin (1989, p. 120-136) propõe a figura do autor como produtor. Isso valida sua construção, a partir da inserção do jornal, como cenário destes conflitos literários, a partir dos quais surge a validação de quem constrói o discurso.

### **3. Autobiografia e autoficcionalidade**

Já discutimos acima a autobiografia como produto que se estabelece a partir de uma verdade. Segundo Lejeune (2008) a autobiografia seria um pressuposto de verdade, uma vez que a relação de identidade entre autor, narrador e personagem, garantiria a possível verdade buscada. Na verdade o instituto da possível verdade construída a partir do pacto entre autor e leitor fez-nos perceber que autobiografia e ficcionalidade caminham lado a lado no processo de construção literária. Sendo assim, adoto como termo que se aproxima da escrita de si, em primeira pessoa, e narrativas ficcionais o termo

autoficcionalidade. Tal concepção estaria próximo do que Bakhtin (2003, p. 138) chama de o *eu-para-si*, pois como o autor citado afirma:

Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida. Vamos examinar a forma da biografia apenas naqueles sentidos em que ela pode servir para a auto-objetivação, isto é, ser autobiografia, ou seja, do ponto de vista de uma eventual coincidência entre personagens e autor é *contradictio in adjecto*, o autor é elemento do todo artístico e como tal não pode coincidir dentro deste todo com a personagem, outro elemento seu. (BAKHTIN, 2003, p. 139, grifo do autor)

Note que a manifestação do *eu-para-si* não se dá necessariamente como construção de uma verdade, mas apenas dentro das possíveis coincidências entre a ficcionalidade e elementos da autobiografia. Portanto adotamos o termo autoficcionalidade diante da construção do próprio narrador como construído de um autor que cria sua própria imagem marcada por elementos próprios da ficcionalidade. Ao observar na autobiografia elementos que se assemelham com os textos ficcionais percebemos o quão íntimo e intrínseco são as semelhanças entre autobiografia e ficcionalidade. Os limites que separam tais gêneros são muito tênues e não deixam claras as marcas de ficcionalidade e autobiografia. O que se percebe é a na verdade a performance assumida pelo narrador. O autor, por sua vez, a partir do desligamento da história narrada sofre o que Barthes (1998) propõe como a morte do autor, pois:

Sem dúvida, sempre foi assim: desde que um fato é *contado*, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, isto é, finalmente, fora de qualquer função que não seja o exercício do símbolo, produz esse desligamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escritura começa. Entretanto, o sentimento desse fenômeno tem sido variável; nas sociedades etnográficas, a narrativa nunca é assumida por uma pessoa, mas por um mediador, xamã ou recitante, de quem, a rigor, se pode admirar a *performance* (isto é, o domínio do código narrativo), mas nunca o “gênio”. O *autor* é uma personagem moderna, produzida sem dúvida por nossa sociedade na medida em que, ao sair da Idade Média. Com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio do indivíduo ou, como se diz mais nobremente, da “pessoa humana”. (BARTHES, 1998. pp. 66-67).

Entretanto esta morte Proposta por Barthes (1998) permite entender a fragilidade do narrador/autor e sua conseqüente relação com o herói. O herói da narrativa autoficcional se posiciona como pessoa eivada de vícios, mas que se aproxima do que o autor tenta criar, através do pacto uma relação de verdade com o leitor.

#### **4. Construção da identidade na Literatura de testemunho**

Diante de tais questionamentos apresentados na introdução, acreditamos que a literatura serve como recurso, não só estético, mas também de análise histórica, identitárias, sociológica, pois “representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos, o os desastres que dão sentido a nação”. (HALL, 2005) Este sentido reforça a

ideia de que a narrativa “Memórias de um Sobrevivente” representa, até certo ponto a catástrofe vivenciada pelo autor, o qual compartilha com semelhantes as crises, os conflitos, a problemática da prisão, sendo assim, classificamos como literatura de testemunho, concordando com a ideia de que sem catástrofe não há representação, sendo que “catástrofe, trauma e memória traduzem-se uns aos outros que não se deixam capturar pelo pensamento, nem pelo discurso”. (NETROVSKI, SILVA, 2000)

Para respondermos, ainda aos questionamentos acima, baseamos em (SILVA, 2003), que traz uma nova possibilidade de interpretar a literatura/Arte de testemunho mostrando que a “historiografia baseada na memória *testemunha* tanto os sonhos não realizados e as promessas não cumpridas como também as insatisfações do presente”<sup>5</sup>. A construção do “Eu” a partir de situações de conflitos em que o autor está (va) inserido se dá na transformação do sujeito nos espaços e nas relações sócio coletivas apreendidas por Mendes. A memória individual se constrói na ambivalência entre a memória coletiva e o sujeito da memória, no caso a memória individual. Os conflitos vivenciados por Mendes em seu Lar contribuiu, como memória individual, para a construção do sujeito das ruas e da prisão.

Para seu Luiz, espancar era o melhor, se não o único, método de educar filhos. Pelo menos para mim isso era superevidente, não havia a menor dúvida. Sua mãe, viúva de um ex-boxeador alcoólatra, criara sozinho cinco filhos e só conseguira controlá-los a tamancadas. Meu pai dizia arrepender-se das tamancadas de que se esquivara. “Que cara de pau”, pensava eu.<sup>6</sup>

E,

Para mim, aquilo era o fim do mundo. Odiava-o com todas as forças do meu pequeno coração. Vivi a infância toda fermentando ódio virulento àquele meu algoz e envenenando minha pobre existência. Quis crescer, ser grande e forte para arrebatá-lo a socos e pontapés.<sup>7</sup>

A literatura de testemunho tem forçado os teóricos da atualidade a rever os conceitos de história e de literatura, fundamentando-se na relação intrínseca entre literatura e realidade. Portanto, resolvemos observar na narrativa “Memórias de um Sobrevivente” esta contribuição que a literatura tem dado à Historiografia, à análise sociológica, classificando-a como literatura/testemunho do conflito vivido, utilizando os recursos da memória, de forma que a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito, servindo com isso para a construção de uma identidade.

Como compreendemos, a literatura contribui na construção de uma identidade voltada para a conservação de fatos vividos, isto é, literatura de testemunho. Adotamos o conceito de memória coletiva com o objetivo de relacionar a arte literária à história de um sujeito. A memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes, (HALBWACHS, 2006).

Escolhemos o livro “Memórias de um Sobrevivente” de Luiz Alberto Mendes por este se enquadrar naquilo que chamamos de literatura de testemunho, no qual utiliza recursos da memória individual e coletiva para a construção da identidade do sujeito autor-criador de um mundo próprio vivenciado por Mendes. É uma narrativa produzida numa

<sup>5</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, Memória, Literatura: O testemunho na era das catástrofes**. Campinas. Editora da Unicamp, 2003. p. 15.

<sup>6</sup> MENDES, Luiz Alberto. **Memórias de um Sobrevivente**. São Paulo, Companhia das Letras. 2001.

<sup>7</sup> Idem Ibidem

época e no lugar de afloramento e conflitos das relações interpessoais, construtora de identidades culturais da era moderna (HALL, 2005), vivenciadas em momentos de crise, e por conter elementos da memória e da representação da catástrofe produzida nas prisões do Brasil dos anos 70 e 80.

## **5. A história e a memória em seus espaços de conflito**

O Brasil dos anos 50 e início dos anos 60 viveu um período democrático que viria em abril de 64 ser solapado e destruído pelo golpe militar. A partir daí surge uma transformação no panorama cultural, político e social brasileiro. A montagem de uma estrutura estatal autoritária e repressiva, que se opõe a qualquer forma de manifestação artístico-cultural, vai produzir no meio artístico um silenciamento condicionado por perseguições, torturas, sequestros, ou qualquer tipo de barbárie. Esta estrutura montada para servir de controle social será estruturada da mesma forma nas prisões brasileiras. Em dezembro de 68 o presidente Costa e Silva assina o ato institucional N° 5, fechando o Congresso Nacional e oprimindo quem se opusesse ao Regime, estabelecendo a prática de censura aos meios de comunicação, além de que a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos do Governo (FAUSTO, 2009). Tal instrumento deu um maior poder aos governantes, líderes do Regime de opressão, diretores de presídios. Teatro, cinema, literatura, etc. passaram a ser entendido como transgressor e qualquer forma de emancipação era silenciada através da violência. Rompe-se com isto o progresso cultural em que o país vivia. Toda e qualquer produção artística, além das restrições mediante a censura, o medo produzido pela opressão estatal transformou-se numa arte silenciada. Obedecendo ao que se classifica como “terceiro uso da história: o sacrifício do sujeito de conhecimento”, (FOUCAULT, 2008)

Diante deste cenário e na opressão das prisões brasileira, Luiz Alberto Mendes escreve o Livro “Memórias de um Sobrevivente”. Após vários anos de cárcere, narrando inclusive momentos de torturas e apresentando situações de crise, o autor traz a tona todo o passado traumático. Desde sua fuga de casa, aos dez anos de idade, em decorrência da postura violenta do pai, este em seu contínuo estado de embriaguez, até o momento em que se encontra na prisão, universo de crime e a maquinaria perversa e corruptível do Estado penal, Mendes utiliza recursos de remontagem do passado mostrando em sua literatura aquilo que ele testemunhou.

Ajeitou minhas mãos paralelamente, com as palmas para cima. Sabia que ele bateria com o fio do telefone. Sabia também que teria de suportar a dor. Já suava de medo quando o homem ergueu o chicote e o vibrou no ar. Empregando todo o peso do corpo, arriou o fio do telefone em minhas mãos. A dor foi tão grande que, no susto, pulei e caí no chão. (MENDES. 2001, p113)

Como se percebe a obra em análise narra situações críticas em pleno regime de exceção, seja ele fora das prisões, seja dentro delas. Comumente esta literatura é marcada pela resistência à barbárie, compreendendo o que se denomina de “literatura testemunho”, ou seja, literatura que narra, através de recursos da memória, o conflito vivido pelo autor nos reformatórios e na prisão.

Os gritos, ecoados pelos escritores de literatura de testemunho, representam não só uma manifestação de oposição ao estado de barbárie vivenciado pelas violências sofridas nas ruas, e o conflito presente na prisão, mas também uma renúncia à catástrofe e as

torturas vivenciadas pelo autor, oprimido, sufocado e fragilizado pelos mais bárbaros meios de torturas existentes nos reformatórios e nas prisões brasileiras em época de crise político-social, como narra o autor:

Sofri como um cão por mais de trinta anos. Torturado, espezinhado, humilhado, ferido, baleado, espancado, enfim tudo o que passa um homem quando comete a imprudência de cair sobre domínio e controle de outros homens.<sup>8</sup>

Mendes, em seu livro, desconstrói o padrão de escritura existente, mesclar a possível vontade documental com a literatura de testemunho, a literatura das prisões. Longe de ser panfletário, “Memórias de um Sobrevivente” traz em seu conteúdo uma maturidade e inovação, mesclando entre linguagem literária ficcional e literatura de testemunho. “Memórias de um Sobrevivente” é um livro que foge dos padrões de estrutura narrativa, principalmente nas definições dos conceitos e estrutura da narrativa, em termos benjaminianos, como o fim da narração tradicional em um mundo caótico e degradado. Neste caso a narrativa é flexível às transformações a sua volta, possibilitando com isso a instituição de uma literatura voltada para o que denominamos de literatura de testemunho, (SELIGMANN-SILVA, 2003). Testemunha-se o que se presencia. Mendes viveu no Brasil em plena Ditadura, conseqüentemente vivenciou as opressões produzidas pelo sistema prisional pautado na própria postura ditatorial. Este passado traumático remontado em suas memórias serviu como construto da identidade do autor. Revoltado, crítico e politizado contra o sistema opressor que tanto o corrompeu para uma postura agressiva e, radicalmente, revoltada com as instituições sócio-políticas brasileiras.

A existência humana configura-se em enorme desordem. A vida, aqui de nosso observatório existencial, nos parece injusta, presa, precária, incompleta e cheia de tormentos. Mas será que tentar dar alguma ordem a isso e ainda buscar ser livre exija a desumana necessidade de morrer? As vezes me deixo levar pelo sonho de trocar todo o cansaço da vida, derrotas e frustrações, pelo fim.<sup>9</sup>

Como representar a catástrofe na literatura, numa época e num lugar de silenciamento institucionalizado? A literatura pós-moderna sustenta a tese das “narrativas, simultaneamente impossíveis e necessárias, nas quais a memória traumática, apesar de tudo, tenta se dizer” (GAGNABIN, 2009), isto é, literatura de testemunho que passou a ser recorrente no final do século XX. Representa-se a catástrofe numa literatura/testemunho, recorrendo a fatos atrelados a lembrança do indivíduo que só tem sentido com relação a um grupo do qual este faz parte, ou seja, a memória coletiva (HALBWACHS, 2006).

O indivíduo que testemunha, como afirma (NETROVSKI, SILVA 2000): “é, via de regra, fruto de uma contemplação: a testemunha é sempre uma testemunha *ocular*. Testemunha sempre um evento.” Muitos se depararam com a brutalidade e a violência contra aqueles que se encontravam a margem da sociedade nas ruas e principalmente nas prisões. Portanto buscaram representar, através da arte, a barbárie vivenciada/testemunhada, (SELIGMANN-SILVA, 2003). Após ser preso ou torturado o

<sup>8</sup> MENDES, Luiz Alberto. A Política e o Crime. Revista Trip. In <http://revistatrip.uol.com.br/blogs/mundolivres/2011/11/15/a-politica-e-o-crime.html> Acesso em 10/03/2013

<sup>9</sup> MENDES, Luiz Alberto. A desumana necessidade da Morte. Revista Trip 2013 In. <http://revistatrip.uol.com.br/blogs/mundolivres/2013/03/11/a-necessidade-de-morrer.html> (Acesso em 10/03/2013)



autor de literatura/testemunho que vivenciou ou sentiu esta experiência traumática, narra não só os fatos violentos, mas a resistência à compreensão dos mesmos. Observe:

Às vezes dói tanto como fosse agora. E foi há tanto tempo... Ano que vem fará quatro décadas. Os criadores da psicanálise dariam o nome de trauma ao que ficou. Mas é pouco. Pouco para quem viveu por mais de 100 longuíssimos dias nas mãos cruéis e insanas de torturadores. Pouco para quem teve suas unhas dos pés e das mãos arrancadas a golpes de palmatórias de ferro. (...) <sup>10</sup>

E:

Os outros (...) saíram da prisão completamente abobalhados. E eu? Bem, não dá para saber até onde tudo isso me afetou. Tento transformar em texto, quando dói muito, como hoje. Crônicas, contos, narrativas, textos, ensaios, saem dessa dura substância das coisas existidas. <sup>11</sup>

A literatura/testemunho está intrinsecamente relacionada a pesquisas voltadas, principalmente para os estudos da memória. A memória deixa entrever de modo claro não apenas a profunda relação entre a memória e o espaço perceptível, observado. Portanto devemos notar em que medida a memória é uma arte do presente, mas também a relação entre a memória e a catástrofe vivenciada, (SELIGMANN-SILVA, 1999).

Memória e História, memória e sociedade voltados para a literatura evidencia uma nova perspectiva historiográfica e de percepção do mundo. A sociedade representada em narrativas, que exploram conceitos de memória de um grupo, apresentada por um “eu” consubstanciado pelos demais membros desta sociedade, transforma a memória individual em memória coletiva. Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, traumático ou não, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo no campo simbólico, (HALBWACHS, 2006).

Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (2006) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança traumática, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos que viveram em suas relações o trauma sofrido pela catástrofe vivenciada e representada na literatura/testemunho com recursos de memória. Este passado de sofrimento serviu como entendimento de si e do mundo que o cerca. Mendes em suas memórias se transformou num ser capaz de olhar o mundo e ver no seu sofrimento a construção de uma nova história para sua vida. Torturas, pancadas, choques elétricos, povoou toda sua memória nos rascunho que deram motivo para o Livro. Memórias de um Sobrevivente é a retomada e a reconstrução do “eu” explícito por um narrador em primeira pessoa capaz de trazer para o presente um passado de misérias e transformações identitárias.

## 6. Conclusão

Neste sentido, o presente estudo apresenta na narrativa “Memórias de um Sobrevivente” como a literatura/testemunho representando a catástrofe, através de

---

<sup>10</sup>MENDES, Luiz Alberto. **A tortura e os traumas**. Revista Trip In. (<http://revistatrip.uol.com.br/blogs/mundolivre/2011/08/30/a-tortura-e-os-traumas-deixados.html> acesso em 10/03/2013)

<sup>11</sup> (Idem, ibidem)

conceitos de memória individual e coletiva, vivenciada por um passado traumático do autor e dos grupos do qual ele fazia parte.

Mesmo concordando em parte com a proposta de Legeune (

## Referências

- ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil Nunca Mais**. 13 ed. Ed. Vozes, Petrópolis, 1986.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**; Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2 ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 29 ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 26 ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**, 10 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP&A Editora, 2005.
- HARTMAN, Geoffrey H. **Holocausto, Testemunho, arte e trauma**. In. NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação**. São Paulo. Escuta, 2000.
- <http://revistatrip.uol.com.br/blogs/mundolive>
- JOCENIR. **Diário de um detento: o livro**. 2ª ed. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 1990.
- LOUREIRO, J. Lúcio Flávio: **O Passageiro da Agonia**. Rio, São Paulo. Record, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2012.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revista**. São Paulo. Contexto, 1992.
- MENDES, Luiz Alberto. **Memórias de um Sobrevivente**. São Paulo, Companhia das Letras. 2001.
- MENDES, Luiz Alberto. **A desumana necessidade da Morte. Revista Trip 2013** In. <http://revistatrip.uol.com.br/blogs/mundolive/2013/03/11/a-necessidade-de-morrer.html> (Acesso em 10 de Março de 2013)
- NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação**. São Paulo. Escuta, 2000.
- RAP, André du. **Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru)**. São Paulo: Labortexto, 2002.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A História como trauma**. In. NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação**. São Paulo. Escuta, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e Testemunho**. In. Revista Cult Revista Brasileira de Literatura Ed. 23. Ano III. São Paulo. Lemos Editorial, 1999.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **História, Memória, Literatura: O testemunho na era das**

**Anais do XIII  
Congresso Internacional da ABRALIC  
*Internacionalização do Regional***

**08 a 12 de julho de 2013  
UEPB – Campina Grande, PB**

catástrofes. Campinas. Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, Hélio. **Os Governos Militares: 1969-1974**. São Paulo. Editora Três. 1998.